

Com que Autoridade?

(Marcos 11:27–12:27)

Joe Schubert

Jesus era um gerador de controvérsias. Os Evangelhos retratam Jesus como alguém que estava constantemente debatendo questões com os líderes do judaísmo. Na última visita do Senhor a Jerusalém, durante aquela semana culminante e fatal de Sua vida, Ele confrontou várias autoridades daquela região — a autoridade dos falsos religiosos, a autoridade do estado, a autoridade do raciocínio humano. Em cada uma dessas confrontações, Jesus estava lidando com a questão mais central de todos os tempos, a questão básica da vida de todos nós: qual é a autoridade máxima em nossas vidas? A quem os homens devem obedecer? Nós honramos a autoridade humana ou a autoridade de Deus? Em torno dessas questões centrais giram todas as discussões de religião. São perguntas que emergem em qualquer conversa sobre Deus, Cristo, a Bíblia ou a vida após a morte.

A AUTORIDADE DIVINA

(11:27—12:12)

Jesus acabara de purificar o templo pela segunda vez. Ele expulsou os cambistas, abriu as gaiolas de pombas e as jaulas de bois e declarou que a casa de Seu Pai era uma casa de oração e não um covil de ladrões. Marcos registra a reação consecutiva:

Então, regressaram para Jerusalém. E, andando ele pelo templo, vieram ao seu encontro os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos e lhe perguntaram: Com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu tal autoridade para as fazeres? (vv. 27, 28).

A rigidez e austeridade nas vozes desses homens podem ser facilmente notadas. A panela estava no fogo. Não havia mais tempo a perder. Os pontos de debate já estavam à mostra. Eles sabiam disso e Cristo sabia disso. Foram, portanto, até Ele com uma derradeira pergunta: “Quem lhe

deu autoridade para fazer isto?” Essa pergunta está por trás de todo comportamento humano. Quando esclarecemos determinado assunto e nos aprofundamos em seus fundamentos, estamos questionando a autoridade. Por que tal pessoa age de determinada maneira? Como ela justifica o que diz e faz? Nenhum ser humano é a sua própria autoridade. Todos nós nos referimos a uma terceira pessoa ou coisa — algo que nos direciona, algo que governa as nossas decisões e ações. A questão da autoridade tem a ver com o que é absolutamente básico e fundamental a todo comportamento humano.

O grupo que foi até Cristo com essa pergunta não era um grupo de segunda categoria. Era um grupo imponente formado por Caifás, o sumo sacerdote, Anás, seu sogro, os professores da Lei e os anciãos, que eram oficialmente nomeados para servir no Sinédrio, o grupo de autoridades da nação. Em suma, os chefes de estado judeus foram a Cristo com essa pergunta. Esperavam colocar Cristo num dilema. Se Ele dissesse que estava agindo sob Sua própria autoridade, eles O prenderiam como um megalomaniaco antes que causasse mais danos. Se Ele dissesse que estava agindo sob a autoridade de Deus, eles O prenderiam sob a acusação óbvia de blasfêmia com base no fato de Deus nunca ter dado autoridade a homem algum para criar uma confusão nos pátios do Seu próprio templo.

Jesus viu claramente o dilema em que eles estavam tentando colocá-lo. Em Sua resposta Ele os colocou num dilema ainda pior. Respondeu Jesus: “Eu vos farei uma pergunta; respondei-me, e eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. O batismo de João era do céu ou dos homens? Respondei!” (v. 30). Observemos como Ele simplificou a questão, excluindo todos os elementos não essenciais. Toda autoridade ou é de Deus ou dos homens. Não existe outra autoridade.

A resposta deles deixou claro que eles sabiam que Jesus os colocara num dilema. Marcos 11:31-33 diz:

E eles discorriam entre si: Se dissermos: Do céu, dirá: Então, por que não acreditastes nele? Se, porém, dissermos: dos homens, é de temer o povo. Porque todos consideravam a João como profeta. Então, responderam a Jesus: Não sabe-mos. E Jesus, por sua vez, lhes disse: Nem eu tampouco vos digo com que autoridade faço estas coisas.

Esses homens sabiam que independentemente do que dissessem, estariam numa cilada. Se dissessem: “O batismo de João era de Deus”, o Senhor diria: “Por que então vocês não o aceitaram?” Se dissessem: “Era de homens”, sabiam que a multidão ao redor deles ficaria muito contrariada e provavelmente iniciaria um tumulto. Em vez de optarem por uma dessas duas respostas, eles disseram: “Não sabemos”. Jesus disse: “Tudo bem, eu não vou responder”. Mas Ele não os deixou nessa conjuntura; Ele continuou expondo a completa hipocrisia deles. A resposta deles revelou que eles não se importavam se o batismo de João era de Deus ou não. Não estavam interessados nessa verdade. Não estavam dispostos a responder essa pergunta. Só se preocupavam em servir a seus próprios interesses.

O Senhor tratou de tornar esse fato visível a todos contando uma história. Ele predisse a queda final de toda a nação judaica e seus líderes. O versículo inicial de Marcos 12 diz: “Depois, entrou Jesus a falar-lhes por parábola: Um homem plantou uma vinha, cercou-a de uma sebe, construiu um lagar, edificou uma torre, arrendou-a a uns lavradores e ausentou-se do país”. Os escribas, fariseus e sumos sacerdotes reconheceram imediatamente essa história. Jesus estava emprestando exatamente as palavras de Isaías 5, onde a nação judaica foi descrita como uma vinha. Deus havia cavado um lagar e construído uma torre para proteger Sua vinha e voltou em busca dos frutos. Esses líderes judeus reconheceram imediatamente que essa história era sobre eles.

Cristo prosseguiu dizendo:

No tempo da colheita, enviou um servo aos lavradores para que recebesse deles dos frutos da vinha; eles, porém, o agarraram, espancaram e o despacharam vazio. De novo, lhes enviou outro servo, e eles o esbordoaram na cabeça e o insultaram. Ainda outro lhes

mandou, e a este mataram. Muitos outros lhes enviou, dos quais espancaram uns e mataram outros. Restava-lhe ainda um, seu filho amado; a este lhes enviou, por fim, dizendo: Respeitarão a meu filho. Mas os tais lavradores disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo, e a herança será nossa. E, agarrando-o, mataram-no e o atiraram para fora da vinha (vv. 2-8).

É interessante observarmos a ousadia e intrepidez do Senhor, que, de uma maneira tão discreta e ao mesmo tempo tão clara, atirou-lhes na face essa parábola. Jesus estava descrevendo quem eles eram e o que estavam fazendo. Indiretamente, Ele estava respondendo a pergunta deles: “Com que autoridade fazes estas coisas?” Jesus estava dizendo: “Aqui está a minha autoridade. Eu sou o dono da vinha. Eu sou o herdeiro dela por direito. Eu sou o Filho amado que o Pai enviou. Vocês mataram os profetas, apedrejaram e açoiaram os que vieram de Deus, agora o Filho está aqui”. Jesus disse também a esses homens o que eles iriam fazer com Ele. Eles iriam açoiá-LO, matá-LO e expulsá-LO da vinha. Jesus não alimentava ilusões quanto ao que estava para acontecer consigo.

Sendo assim, Ele predisse o que aconteceria finalmente. Ele disse que Deus daria a resposta final. No versículo 9, Ele perguntou: “Que fará, pois, o dono da vinha? Virá, exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros”. Nenhum escriba ou fariseu que ouvisse essa parábola deixaria de entender o ponto central: o último capítulo dessa história será escrito por Deus. Deus rejeitará os judeus e transferirá os privilégios deles para os gentios. A seguir, nos versículos 10 a 12 Jesus continua indagando:

Ainda não lestes esta Escritura:

A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular;
isto procede do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos?

E procuravam prendê-lo, mas temiam o povo; porque compreenderam que contra eles proferira esta parábola. Então, desistindo, retiraram-se.

Eles tinham uma autoridade religiosa falsa pela qual pressupunham que podiam ditar e usurpar um poder que jamais fora deles por direito. Jesus deixou essa verdade clara como cristal. Mas Ele acrescentou: “Esse não é o fim”. Sempre que a autoridade humana agir dessa maneira, podemos

nos lembrar de que Deus ainda não pôs fim à questão.

O que Jesus disse na verdade já aconteceu. No dia da ressurreição, Aquele que os construtores rejeitaram veio, de fato, a ser a pedra principal, o alicerce do edifício. Como Senhor ressurreto, Ele Se levantou com Seus discípulos e disse: “Todo poder no céu e na terra me foi dado”. Quarenta anos depois, os exércitos romanos cercaram a cidade de Jerusalém e a conquistaram. Os sumos sacerdotes, escribas e presbíteros foram levados algemados para serem dispersos entre as nações.

Há uma lição nisso para todos nós. A mensagem é que a autoridade humana é sempre limitada e jamais pode ser igualada ao governo e à autoridade de Deus sobre as questões dos homens. As religiões falsas serão no final destruídas.

A AUTORIADE DO ESTADO (12:13–17)

A segunda confrontação que Cristo teve foi em torno de outra forma de autoridade humana, a autoridade do estado. Em Marcos 12:13–15 lemos:

E enviaram-lhe alguns dos fariseus e dos herodianos, para que o apanhassem em alguma palavra. Chegando, disseram-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e não te importas com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens; antes, segundo a verdade, ensinas o caminho de Deus; é lícito pagar tributo a César ou não? Devemos ou não devemos pagar? Mas Jesus, percebendo-lhes a hipocrisia, respondeu: Por que me experimentais? Trazei-me um denário para que eu o veja.

Este segundo grupo compunha-se de dois partidos que se odiavam ferozmente — os fariseus e os herodianos. Eles eram inimigos políticos e se uniram somente porque ambos viram-se confrontados pela ameaça de Cristo aos seus interesses adquiridos. A aproximação deles foi sutil. Começaram com elogios. Disseram: “Mestre, sabemos que és um homem íntegro. Não és intimidado por homens por que não prestas atenção em quem eles são. Ensinas o caminho de Deus de acordo com a verdade”. Foram até Cristo com a pergunta já formulada: “É certo pagar impostos a César ou não? Devemos dar ou não?”

Devem ter pensado que haviam cravado Jesus nos chifres de um dilema inescapável.

Se Jesus dissesse que era certo pagar tributos a César, Sua influência com o povo estaria extinta para sempre e Ele seria considerado um traidor e um covarde. Se Jesus dissesse que não era certo pagar tributos a César, eles O delatariam aos romanos e O prenderiam como um revolucionário. Deviam estar quase certos de que haviam prendido Jesus numa arapuca da qual não havia saída. Mas o registro bíblico prossegue:

Mas Jesus, percebendo-lhes a hipocrisia, respondeu: Por que me experimentais? Trazei-me um denário para que eu o veja. E eles lho trouxeram. Perguntou-lhes: De quem é esta effígie e inscrição? Responderam: De César. Disse-lhes, então, Jesus: Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. E muito se admiraram dele (vv. 15b–17).

A moeda tinha a imagem de César nela e, portanto, pertencia a César. O homem tem a imagem de Deus nele e, portanto, pertence a Deus.

A Bíblia ensina que o governo civil é instituído por Deus. Paulo escreveu em Romanos 13:1: “Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas”. Pedro acrescentou em 1 Pedro 2:13 e 14: “Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, quer seja ao rei, como soberano, quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem”. Os cristãos devem se sujeitar aos governantes civis quer sejam bons quer sejam maus. O rei a que Pedro se referia era ninguém mais do que Nero, um degenerado imoral e vil. Ainda assim, Pedro ordenou submissão ao rei. Embora seja verdade que o governo civil é instituído por Deus, também é verdade que o governo civil só tem um poder limitado sobre os nossos corpos e a nossa conduta, mas existe uma área da vida sobre a qual os governantes não exercem controle algum — o espírito humano. O estado não pode legislar sobre a quem prestamos adoração, quem dirige a nossa consciência, ou quem constitui a autoridade máxima em nossas vidas. Devemos dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Certas coisas pertencem propriamente a César, mas as principais questões da vida pertencem unicamente a Deus.

A AUTORIDADE HUMANA (12:18–27)

Em terceiro lugar, Cristo é confrontado com mais uma forma de autoridade que chamamos de racionalismo ou razão humana, a autoridade ou o poder do pensamento humano. Isto ainda nos acompanha até hoje. Em Marcos 12:18–23 lemos:

Então, os saduceus, que dizem não haver ressurreição, aproximaram-se dele e lhe perguntaram, dizendo: Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer o irmão de alguém e deixar mulher sem filhos, seu irmão a tome como esposa e suscite descendência a seu irmão. Ora, havia sete irmãos; o primeiro casou e morreu sem deixar descendência; o segundo desposou a viúva e morreu, também sem deixar descendência; e o terceiro, da mesma forma. E, assim, os sete não deixaram descendência. Por fim, depois de todos, morreu também a mulher. Na ressurreição, quando eles ressuscitarem, de qual deles será ela a esposa? Porque os sete a desposaram.

Esta é a única ocasião no registro de Marcos em que aparecem os saduceus. Eles surgem aqui na sua forma totalmente característica. Os saduceus não eram um partido judaico grande. Eram aristocratas e ricos. Estavam entre eles a maioria dos sacerdotes. O ofício de sumo sacerdote sempre era desempenhado por um saduceu. Poderíamos nos referir aos saduceus como os modernistas do antigo judaísmo. Poderíamos chamá-los de racionalistas. Marcos descreve os saduceus como aqueles que dizem não haver ressurreição. Em Atos 23:8 está registrado: “os saduceus declaram não haver ressurreição, nem anjo, nem espírito; ao passo que os fariseus admitem todas essas coisas”. Sendo assim, os saduceus foram apresentar uma pergunta simplória a Jesus a respeito de uma mulher que foi viúva de sete irmãos consecutivamente. Cada um se casara com ela em cumprimento da lei judaica do levirato, que estabelecia que se um homem morresse sem deixar filhos seu irmão deveria casar-se com a viúva. A pergunta irrelevante e irreverente que os saduceus apresentaram a Cristo foi a seguinte: “Na ressurreição, que um dia acontecerá, de quem ela será esposa?” É nítido o desdém sarcástico por trás dessa pergunta.

Observemos como Jesus respondeu a eles:

Respondeu-lhes Jesus: Não provém o vosso erro de não conhecerdes as Escrituras, nem o poder de Deus? Pois, quando ressuscitarem

de entre os mortos, nem casarão, nem se darão em casamento; porém, são como os anjos nos céus. Quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido no Livro de Moisés, no trecho referente à sarça, como Deus lhe falou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ora, ele não é Deus de mortos, e sim de vivos. Laborais em grande erro (vv. 24–27).

Jesus começou e terminou Sua resposta com a afirmação clara de que eles estavam errados. “Vocês estão errados. Estão totalmente enganados”. Confesso que achei a franqueza de Jesus animadora. Jesus não elogiou essas pessoas como nós faríamos por terem feito uma pergunta valiosa, de grande importância religiosa. Eles estavam errados, estavam completamente enganados e Cristo disse isso a eles. A seguir, Ele acrescentou a razão do erro. Estavam errados porque desconheciam duas grandes verdades. Não conheciam as Escrituras e não conheciam o poder de Deus. A ignorância das Escrituras era a causa imediata do engano em relação à ressurreição, mas a causa básica e final do erro era a ignorância do poder de Deus.

A maioria dos erros na igreja de hoje, especialmente aqueles que causam controvérsia desnecessária, são quase sempre devidos a ignorância ou desrespeito às Escrituras. É extremamente significativo que em Sua confrontação com os fariseus e os saduceus Cristo considerou as Escrituras como o árbitro final do debate e o supremo tribunal de apelo. Quando eles foram até Jesus com uma pergunta, Ele respondeu, como de costume, com uma pergunta de volta que os direcionava para as Escrituras. Por isso, quando o jovem rico de posição perguntou sobre a vida eterna Jesus respondeu: “O que diz a Lei?” Quando os fariseus interrogaram acerca do Seu ponto de vista sobre o divórcio, a resposta de Jesus foi: “O que lhes ordenou Moisés?” O mesmo acontece aqui com os saduceus. Ele disse no versículo 26: “Quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido no Livro de Moisés...?” Os saduceus insistiam em que nos primeiros cinco livros de Moisés (a única parte do Antigo Testamento que eles aceitavam) não havia provas a favor da imortalidade ou de uma ressurreição. Foi desses mesmos livros que Jesus extraiu Sua prova. Em Êxodo 3:6 Deus Se apresentou como Deus de Abraão, Isaque e Jacó, três patriarcas que viveram e morreram muitos anos antes. Mas Deus falou no tempo presente, o tempo do “Eu sou”. O argumento de Jesus era

que se Deus é o Deus desses patriarcas até hoje, isto quer dizer que eles ainda estão vivos, pois um Deus vivo tem de ser um Deus de vivos, e não de mortos. Se os patriarcas estão vivos, então está comprovado que há ressurreição. Os saduceus, portanto, acima de tudo, desconheciam as Escrituras.

A causa mais básica do erro deles era a ignorância do poder de Deus. Eles pareciam pensar que aquela pergunta sobre o casamento por levirato seria por si só suficiente para anular o conceito de ressurreição. Na opinião deles, os problemas que uma vida após a morte criaria tornavam tal possibilidade inconcebível. Esperavam que a história da mulher com sete maridos desbancaria a doutrina da ressurreição. Quase os podemos ouvir segurando o riso às socadas. Mas pautando todo o argumento deles havia uma dedução errônea: se houvesse vida além da morte, seria o mesmo tipo de vida existente na terra. Parece que nunca ocorreu aos saduceus que Deus criaria outra ordem de seres, uma vida nova e diferente em que os problemas da terra seriam resolvidos.

Jesus disse: “Pois, quando ressuscitarem de entre os mortos, nem casarão, nem se darão em casamento; porém, são como os anjos nos céus”. Em outras palavras, na vida após a morte haverá pessoas vivendo como novos seres uma nova vida sob novas condições. Os seres humanos serão como os anjos. Os mortais serão imortais. Como Paulo o disse, eles serão ressurretos incorruptíveis (1 Coríntios 15). Quando acontecer a ressurreição e a pessoa viver novamente, as velhas leis da vida física não estarão mais vigorando. Compromissos como casamento e estar casado não farão mais parte dessa realidade. A vida por vir simplesmente não pode ser pensada nos termos desta vida. Tudo isto, esta nova vida sob novas condições numa nova era, será pelo poder de Deus, um poder desconhecido pelos saduceus.

Os saduceus têm hoje muitos sucessores, tão inteligentes e tão tolos quanto eles. O saduceu dos tempos modernos é o materialista científico cuja visão da realidade limita-se ao que seus cinco sentidos compreendem. Aquilo que não pode ser sentido, visto, tocado, manuseado e experimentado, ele rejeita. A insensatez dos homens que rejeitam as Escrituras é que eles se trancam numa fatia estreita da vida ligados somente ao que pode ser visto, sentido, pesado, medido e verificado pelos seus próprios senti-

dos. O próprio homem torna-se, assim, a fronteira da vida.

Não importa em qual área você esteja — comércio, ciência, religião, política, vida doméstica — todo erro na vida pode ser atribuído a um desses dois enganos. Ou você desconhece o que um Deus vivo pode fazer ou desconhece o que um Deus vivo sabe.

Essa é uma fraqueza fatal do que chamamos de mentalidade científica. O cristianismo autêntico é um cristianismo sobrenatural. Ele não é uma ética humilde e inofensiva que consiste de alguns princípios morais salpicados com uma pitada de religião. É a religião da ressurreição, uma vida vivida através do poder de Deus, o poder que ressuscitou Cristo dos mortos e que um dia nos ressuscitará. Paulo disse em Romanos 8:11: “Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita”. Novamente em Efésios 3:20, ele disse: “Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós”.

CONCLUSÃO

Poder. Não é disso que a sua e a minha vida precisam? Precisamos de poder para vencer a tentação, poder para lidar com as dificuldades, poder para continuarmos caminhando quando nos falta chão debaixo dos pés, poder para nos tornarmos o tipo de pessoa que Deus idealizou que fôssemos ao nos criar. Esse poder é prometido aos que confiam em Deus, fazem cumprir-se a Sua palavra, obedecem ao Evangelho do Seu Filho e se esforçam para viver como Ele orienta. Este é um conceito que nos deixa perplexos, mas é verdadeiro. ✦

Missão Impossível

Um obreiro na Índia disse certa vez: “Suponha-mos que quando Cristo estava na terra Ele tenha vindo ao nosso país. Digamos que ele ministrava em uma aldeia num dia e depois partia para outra. Se ele tivesse ficado na terra daquele dia até hoje e tivesse pregado numa cidade diferente por dia, Ele ainda não teria ido a todas as cidades da Índia unica-mente — sem falar nas outras cidades do mundo”.